

A Mulher Gorda: Um Olhar Outsider no Audiovisual¹

Pamela Eurídice Beleza BALTAZAR²

Selda Vale da COSTA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

A mulher preenche um grande espaço na mídia de forma geral, já que muitos programas, em particular os ficcionais, são dirigidos a ela. No entanto, isto não amplifica a representatividade feminina e nem torna mais verídico e compreensivo a sua participação e busca por emancipação. Pelo contrário, com poucas exceções, os programas de televisão – incluso os seriados, filmes e programas de variedade – perpetuam uma imagem de submissão feminina. Os meios de comunicação, responsáveis pela propagação de informações e de padrões comportamentais, resignam à mulher dois papéis: o de objeto sexual e mãe. Esse posicionamento decorre do olhar destinado a ela na cultura patriarcal, onde encontra-se presa por uma ordem simbólica na qual o outro masculino exprime suas fantasias (MULVEY, 1983). Dessa forma, na narrativa tradicional, a imagem feminina é uma portadora de significados, responsável por sustentar o olhar, representar e demonstrar o desejo masculino. A abordagem utilizada pelos meios comunicacionais – aos quais pode-se listar o audiovisual – oferece uma posição limitadora do status que a mulher pode alcançar, além de ter parâmetros irrealis e naturalmente inacessíveis para o desempenho feminino. A professora norte-americana Ann Kaplan afirma que os filmes e séries “estão carregados de uma ideologia patriarcal que sustenta nossas estruturas sociais e que constrói a mulher de maneira específica – maneira tal que reflete as necessidades patriarcais e o inconsciente patriarcal” (KAPLAN, 1995, p. 45). Embora possa ser que na construção de um personagem não tenha homens envolvidos no processo, devido a estrutura do inconsciente, assume-se uma posição masculinizada. Isso se intensifica diante de personagens gordos, uma vez que homens acima do peso são vistos como divertidos, valentões, protetores e sexualmente desejáveis. Observa-se, por exemplos, os personagens interpretados por Seth Rogen, durante o período que tinha parceria com

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM, email: pan.euridice@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia da UFAM, email: seldavaleadacosta@gmail.com

James Franco, ou Kevin James, todos se encaixam nas características acima citadas. As personagens femininas, contudo, passam por um processo diferente de construção. A ativista Constanza Castilho (2014) afirma que as discussões em torno da gordura feminina não são obras individuais, mas correspondem um contexto sociopolítico: capitalista, patriarcal, heterossexual e ocidental; que controla subjetividades e faz com que se sintam inferiores a sociedade, como se estivessem contaminadas pela anomia e pela sujeira, misturadas numa coisa só. O corpo gordo é visto socialmente como “algo ruim, repreensível, um sinal de vergonha e dissimulação” (CASTILHO, 2014, p.39), na arte visual, este estereótipo pode ser notado por meio do bombardeio de símbolos e propagandas que aconselham a emagrecer, além da ridicularização e o caráter de capacitismo ofertado ao indivíduo com sobrepeso por considera-lo doente e/ou vitimista. Tal perspectiva coloca o corpo e o sujeito em função do outro. Esse cargo é mais pesado sobre as mulheres, que tem uma experiência diferente dos homens, algo nítido nas produções audiovisuais. As mulheres gordas, quando estão presentes em filmes e séries, são retratadas com estereótipos repetitivos, que buscam deixá-las em segundo plano. Suas histórias não são exploradas, não recebem complexidade ou aspectos tridimensionais, além disso a composição escolhida para personagens com o porte avantajado – seja figurino, maquiagem, cabelo – não as favorece, tornando-as constantemente opacas frente as figuras femininas com o corpo dentro do padrão. Poucas são as personas que fogem a isso e, quando ocorre, caem ainda na armadilha do olhar masculino. O presente artigo busca discutir como a mulher gorda é retratada no audiovisual, apresentando a visão social que se tem sobre o corpo gordo e a construção do olhar narrativo dominante discutido por Laura Mulvey (1983) e Ann Kaplan (1995).

PALAVRAS-CHAVE: feminino; gorda; cinema; corpo; comunicação.

REFERÊNCIAS

10 coisas que eu odeio em você. Direção: Carter Covington. Produção: ABC Family. USA: ABC Family, 2009.

100 quilos de estrelas. Direção: Marie-Sophie Chambon. Produção: Umedia. França: Canal+, 2019.

A escolha perfeita. Direção: Jason Moore. Produção: Gold Circle Films. USA: Universal Pictures, 2012.

CASTILHO, Constanza Alvarez. **La cerda punk**. Valparaíso: Trío editorial, 2014.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019

Insatisfação da imagem corporal e estado nutricional em crianças de 7 a 11 anos: estudo transversal. Disponível em: < https://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/51723/pdf_5>. Acessado em 08 de agosto de 2021

KAPLAN, Ann. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995

Lady Bird. Direção: Greta Gerwig. Produção: IAC Films. USA: Columbia Pictures, 2018.

MULVEY, Laura. "Prazer Visual e Narrativo" In: **A Experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrasilme, 1983, p. 435-454

ORBACH, Susie. **A gordura é uma questão feminista**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1978.

Pesquisa nacional de saúde sobre obesidade. Disponível em: < <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29204-um-em-cada-quatro-adultos-do-pais-estava-obeso-em-2019>>. Acessado em 08 de agosto de 2021

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. Tradução de Mônica Costa Netto. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

Sierra Bugess is a loser. Direção: Ian Samuels. Produção: Black Label Media. USA: Netflix, 2018.

Stranger things. Direção: Matt & Ross Duffer. Produção: Netflix. USA: Netflix, 2016.